

RECOMPONDO A MEMÓRIA

Alessandra Ruita Santos Czapsk¹

Essa resenha tem a intenção de apresentar os apontamentos de Thompson (1997) sobre a questão da memória e sua centralidade para o Método da História Oral. Expõe o relato de experiência desse autor ao realizar entrevistas aplicando o método da história oral com soldados ex-combatentes australianos. Nessa resenha é possível compreender as possibilidades que a história oral oferece como instrumento para o desvelar das memórias e a compreensão das histórias e subjetividades dos narradores.

Dessa maneira, esse método exprime a possibilidade de recomposição das memórias e seus significados, explora os aspectos mais subjetivos das lembranças, fazendo emergir do âmago os sentimentos e as vivências importantes, e que são expressas por meio das narrativas e entrevistas realizadas por meio do método da História Oral.

O texto de Thompson (1997) apresenta uma discussão interessante sobre a história oral, porque prioriza aspectos da memória que vai além dos depoimentos evidenciados nas entrevistas, explora também o recompor das lembranças, ou seja, as reminiscências.

No início de sua discussão, evidencia o fortalecimento da História Oral como metodologia, e como esse método foi se fortalecendo nas últimas décadas do século XX. Aborda de maneira crítica, a forma que a história oral foi se fortalecendo frente às tentativas de descrédito enfrentadas pelo método ao longo dos anos, e discute que, é importante explorar os significados subjetivos das experiências vividas, pois isso justamente é que pode ser um recurso rico para entendimento nas pesquisas científicas.

Aponta que, ao longo dos anos historiadores tem elaborado métodos de entrevistas e formas de análises, que permitem uma compreensão mais alargada das reminiscências, e que extraem proveito das memórias que são relatadas. Afirma que a partir dos anos 80, inúmeros historiadores incluindo Alessandro Portelli, iniciam um processo para valorizar as análises e a relação entre memória, narrativa e identidade. Outro ponto relevante que o autor destaca, e é pertinente e importante para o método da História Oral, e que possibilitou o seu grande desenvolvimento, foi a incorporação de duas ciências aliadas a esse método, a Psicologia Social e a Sociologia, uma vez que, há o interesse de entendimento e compreensão sobre a relação entre identidade e memória nas entrevistas realizadas por meio desse método.

O autor também relata sua experiência de pesquisa realizada com os Anzacs², reconhecidos como heróis de guerra australianos, que estavam ligados a uma construção coletiva nacional de uma memória voltada para coragem, virilidade e orgulho australiano. Thompson expõe a verdade por traz dessa memória, as reminiscências de cada entrevistado que abordam também os aspectos negativos da guerra.

Dessa forma, podemos perceber na discussão do texto que, a memória tem uma relação passado/presente e envolve um eterno processo de reconstrução e transformação do que foi vivenciado, construímos e reconstruímos nossa identidade por meio do processo de contar as histórias repetidas vezes, para nós e para os outros, e assim, as histórias estão intrinsecamente ligadas ao que pesávamos que éramos, a quem pensamos que somos no presente, e ao que queremos ou gostaríamos de ser.

Diante o exposto, podemos perceber nos depoimentos dos Anzacs que, eles reagiram de formas diferentes no pós-guerra, alguns aceitaram e acataram a memória de heroísmo e coragem, outros nunca se recuperaram dos sofrimentos e atrocidades provocados pela guerra, e tinham vergonha dessa memória coletiva de heróis. Porém, o pesquisado sempre busca em suas reminiscências uma coerência satisfató-

1 Doutoranda em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional - UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1441323064488073>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3090-2908>. E-mail: alessandra.rs@unitins.br

2 Segundo Thompson (1997) aponta os Anzacs como veteranos na grande guerra de 1914-1918, pertencentes à classe trabalhadora australiana.

ria entre as passagens não resolvidas e dolorosas do passado, a fim de obter um reconhecimento quando descreve o processo de afirmação de identidade pública.

A partir da exposição dessas entrevistas, Thompson consegue apresentar excelentes formas de junção sobre teoria e prática no método da História Oral, nos conduzindo a uma verdadeira aula, onde apreendemos as mudanças e as flutuações que ocorrem na memória a partir das lembranças das reminiscências e como isso pode afetar a construção da nossa identidade. Ainda nos aponta como deve ser o comportamento do pesquisador, quando e como abordar memórias traumáticas e temas delicados. Ensina também, como explorar os silêncios reprimidos, e o papel do pesquisador na conciliação entre passado e presente, em questões difíceis e delicadas para o entrevistado. E mais importante, alerta para a tênue linha entre suscitar a confiança do entrevistado e explorar de forma errada essa relação.

Nesse texto, Thompson (1997) chama a atenção para um dilema e um desafio para os pesquisadores, que é a forma de descobrir e facilitar a ligação entre teoria e prática, e ainda, sanar e enfrentar os dilemas políticos e éticos que são postos com a prática da História Oral. É necessário pensar a prática, e a partir das leituras dos referências teóricos que iluminam nosso caminho, criar alternativas e abordagens de trabalho para as entrevistas das histórias de vida.

Dessa perspectiva, o autor nos mostra de forma muito eficiente a ligação real da teoria com a prática, e também conceitos de memória, identidade, entrevistas, e como realizar as análises e extrair o sentido e as verdades por traz das entrevistas.

O texto ainda apresenta uma entrevista feita com Thompson, onde o autor responde questões relacionadas a sua experiência de pesquisa sobre a metodologia da História Oral, e como se deu seu relacionamento com os entrevistados. O autor de forma contundente mostra que, apesar do envolvimento com as memórias que são expostas, o pesquisador não tem a função de terapeuta, mas pode auxiliar os entrevistados com suas dores, assumindo um posicionamento humano de respeito e amigável. Outro ponto explorado também pelo autor, diz respeito às dificuldades em questionar memórias já engessadas, postas e estabelecidas, uma vez que, atinge muitos grupos que não querem mexer/discutir essas memórias e isso acarreta hostilidades, problemas e questionamentos. Ex. desmistificar a memória heroica dos Ancas na Austrália.

Esse texto apresenta a História Oral de forma interessante, pois demonstra a verdadeira ligação possível entre a teoria com a prática, e como o método pode ser exitoso, não somente para o pesquisador, mas também e principalmente, para quem conta suas histórias de vida, e ainda mais, quando há a possibilidade das entrevistas refletirem na construção de uma identidade que fortalece e liberta o ser humano, como foi o caso de Fred Farrall narrado pelo professor/pesquisador Alistar Thompson.

Referências

THOMPSON, Alistar. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias**. In: Projeto História. São Paulo, 1997.

Recebido em 09 de março de 2020.

Aceito em 19 de Junho 2020.

